

Ler literatura

Português

Enviado por: aquiasvalasco@seed.pr.gov.br

Postado em: 07/12/2011

Gostar de Ler, ter prazer com a leitura, entregar-se a uma viagem pelos livros... são expressões que nos inspiram sentimentos semelhantes.

Foco na leitura literária inspira mudanças no comportamento leitor do brasileiro Por Ana Cristina Dubeux Dourado Gostar de Ler, ter prazer com a leitura, entregar-se a uma viagem pelos livros... são expressões que nos inspiram sentimentos semelhantes. Fazem pensar que a leitura é um processo que depende apenas de uma vontade inicial ou uma experiência vivida de forma livre, espontânea, que, para acontecer, precisa apenas de dois elementos: o livro e o leitor. No Brasil, a maioria das pessoas vive uma ruptura em sua relação com a leitura ao deixar a escola. Ainda vivemos imersos numa cultura na qual a oralidade domina grande parte das relações sociais e muitas pessoas sobrevivem e convivem quase exclusivamente recorrendo à fala, sem desenvolver habilidades na escrita. Mas quais são os impactos dessa forma de comunicação, sobretudo num mundo cada vez mais competitivo, globalizado e muitas vezes brutalizado? Até hoje, a ideia de leitura ainda está associada a rotinas que fazem parte do processo de escolarização. Não é difícil descobrir as razões da permanência da associação entre leitura e hábito. Nas mais recentes pesquisas de análise do comportamento leitor da população brasileira, destaca-se o paralelo entre escolarização e acesso ao livro e à leitura. Retratos da leitura no Brasil, organizada por Galeno Amorim, por exemplo, considerou leitores as pessoas que leram ao menos um livro nos últimos três meses (55% da população estudada). Desses, 50% são estudantes que lêem algo porque foi indicado pela escola e 7% que afirmam ler a Bíblia. Da população total brasileira, estima-se que cerca de um terço lê com frequência e supostamente busca alternativas ou têm seu contato com livros facilitado em escolas, bibliotecas, livrarias ou pela família. Os leitores considerados com uma relação mais frequente com os livros têm de 11 a 17 anos, justamente por receberem estímulos à leitura por parte do sistema educacional. Ainda segundo a pesquisa, as crianças e jovens são o público que mais consome livros, mas há queda na taxa de penetração da leitura à medida que se avança em idade. Até 17 anos, os entrevistados responderam ler até três vezes mais livros que as pessoas com mais de 18 anos, tanto no que se refere a livros em geral, como aqueles indicados pela escola. São dados que revelam a necessidade de proporcionar à população brasileira – sobretudo às pessoas com acesso limitado ao livro – maior exposição à palavra, para que todos possam criar intimidade com a leitura e, a partir da aquisição de habilidades próprias a quem lê literatura por prazer, possam também conquistar maior autonomia e um olhar mais crítico diante da realidade. Fortes indícios mostram que essa mudança para melhor no comportamento leitor do brasileiro parece estar em curso. Recentemente, muitas escolas, professores, organizações não-governamentais, mediadores de leitura, bibliotecários, entre várias instituições e profissionais, estão tentando avançar nessa forma de relação com a palavra, por meio de projetos de leitura dos mais variados. Um dos aspectos positivos dessas iniciativas é a incorporação de alguns conceitos e práticas amplamente discutidos no Brasil, sobretudo a partir do processo de criação do Plano Nacional do Livro em Leitura, em 2006. Entre os princípios que têm inspirado ações bem-sucedidas na área está o desenvolvimento de estratégias para tornar os livros elementos permanentemente presentes nos processos educativos e no cotidiano das pessoas nos mais variados espaços, desde

a escola até equipamentos de cultura e lazer diversos. Hoje os projetos de leitura encontram-se, em geral, inseridos em processos de aquisição e qualificação da relação com a língua, mas também incorporam objetivos relacionados ao ensino da literatura ou podem mesmo ter como foco o desenvolvimento do gosto, prazer, fruição estética e tudo que envolva a relação lúdica com os livros. No entanto, a opção por priorizar o desenvolvimento do gosto pela leitura não implica em espontaneísmo. Ao contrário, são os marcos teóricos, os instrumentos pedagógicos, o investimento na formação de educadores e a construção de indicadores de acompanhamento de projetos que dão identidade a um bom projeto de promoção da leitura. Como afirma Maria Beatriz Medina: “A tarefa de formar leitores supõe um trabalho permanente que supera o circunstancial e implica num acompanhamento contínuo. Um trabalho que requer a definição de objetivos, o planejamento de estratégias, a avaliação permanente das ações, a revisão contínua dos objetivos iniciais, seja para reafirmá-los ou para ajustá-los à realidade e assim concretizar novas estratégias necessárias para a consecução das metas traçadas”. “Las posibles rutas de la lectura”, texto apresentado no evento El Festival de La Palabra, em 2006, na Cidade do México (tradução minha). Muitas das atuais iniciativas de promoção da leitura no Brasil também têm colocado em prática suas ações partindo do princípio de que não basta distribuir livros, como também não é suficiente ter o espaço físico da biblioteca nem mesmo ter um profissional que assuma a missão de formar leitores, com a competência para a prática da mediação. Nada disso funciona sem o impulso para que as pessoas se sintam parte dos projetos ou práticas de incentivo à leitura, de modo a fazer das bibliotecas espaços vivos, abertos aos interesses e perfis dos seus usuários. E soma-se a esse conjunto de elementos o papel essencial que o leitor desempenha na leitura de um texto literário. Ao contrário da leitura de textos informativos, talvez o processo que melhor descreva a leitura literária é a diferença de intencionalidade. Ao invés de sairmos cheios de respostas para as dúvidas que temos, como fazemos ao ler sobre algo objetivo, na leitura literária quase sempre saímos com perguntas nas quais nem havíamos pensado antes. Como diz Gabriel Perissé: “O próprio ato da leitura consiste em aprender a perguntar. Lendo, estamos automaticamente perguntando a nós mesmos, ao livro, à linguagem, à cultura, a tudo e a todos, estamos formulando perguntas que nem sempre temos ocasião de fazer, que nem sempre temos consciência de que precisamos fazer.” (Elogio da leitura) Na leitura literária, essa interação do leitor com o livro por meio de perguntas de forma nem sempre consciente é algo ainda mais evidente. Na entrega ao deleite, ao prazer, à ludicidade, além da sensação de prazer, podem surgir outras relações entre leitor e narrativa. Nos estudos de teoria literária, algumas das perspectivas mais recentes se reúnem em torno do campo da estética da recepção. Segundo Teresa Colomer, a origem desses conceitos se deu a partir da aplicação de postulados pedagógicos centrados na participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem ao campo dos estudos literários. Tal perspectiva, afirma ela em A formação do leitor literário, tende a destacar que “...o leitor literário compreende as obras segundo a complexidade da sua experiência de vida e da sua experiência literária.” Tudo se inicia a partir de um novo olhar sobre os livros e a leitura. Alguns elementos da nossa cultura e alguns fatores socioeconômicos que ainda hoje influenciam na relação dos brasileiros com o livro e a leitura foram extremamente determinantes para que, até bem pouco tempo atrás, sobrevivessem resquícios de uma visão funcional, utilitária e mesmo superficial da leitura literária. E isso não é algo exclusivo das classes menos privilegiadas. São ainda recentes, mesmo nos espaços culturais e educacionais frequentados pela elite, as iniciativas que buscam garantir lugar de privilégio à leitura literária por meio de estratégias de apreciação estética. O modelo educacional brasileiro até bem pouco tempo mantinha a presença da literatura nos currículos e salas de aula de forma fragmentada, aliada a padrões de interpretação vinculados à cobrança de aprendizagem de conteúdos gramaticais ou para o ensino da sintaxe. Na leitura literária, ocorre um processo muito distinto da leitura para aprender algo ou para comprovar conhecimentos concretos. Na verdade, muitas vezes, a leitura literária coloca o que é conhecido num contexto estranho, novo, para confrontar sentidos estabelecidos, brincar com as palavras, de

forma a fazer o leitor entrar num processo de criação de seus próprios sentidos. Por isso se afirma que a literatura deve provocar a sensação de estranhamento em relação à realidade. Assim, ampliamos nossa forma de ver, saindo dos padrões de organização do conhecimento útil, científico, real, mas sem nos distanciarmos inteiramente dele, apenas expandindo nossa forma de compreender. Como diz Jorge Larrosa, a leitura literária está imbuída, de um “gesto às vezes violento de problematizar o evidente, de converter em desconhecido o demasiado conhecido, de devolver certa obscuridade ao que parece claro, de abrir uma certa ilegibilidade no que é demasiado legível.” (em *Linguagem e educação depois de Babel*). E Michèle Petit segue a mesma lógica, ao afirmar que: “... se a leitura desperta o espírito criativo, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas porque também abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas...” (em *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*). Os livros produzidos por escritores de ficção, em geral não têm como função confirmar o que é dito de maneira sistematizada pelas ciências ou por áreas do conhecimento que tenham como princípio a confirmação de verdades. Porém, são outros tipos de “verdades” que surgem na literatura, pois cada escritor faz sua leitura de mundo e a compartilha com o leitor, para que novos sentidos sejam construídos. Daí o caráter transgressor da literatura. O papel dos mediadores que hoje atuam em diversos projetos sociais pelo Brasil tem, portanto, que ser destacado. Esses profissionais têm colaborado para que muitos leitores desenvolvam relações positivas com a leitura, a partir, sobretudo, da construção de um ambiente de troca de idéias, de maneira que todos possam ser capazes de indicar livros, de modo a mergulhar na história e encontrar seus próprios sentidos. Muitas vezes, a mediação é refletida exclusivamente a partir do planejamento de atividades diárias que um educador elabora para “animar” um espaço de leitura. Nesses casos, a mediação engloba, sim, momentos coletivos que acontecem de formas diversas. Nesses momentos se incluem saraus, roda de histórias, manipulação coletiva de acervos, circulação de bibliotecas itinerantes, como as malas de leitura, por exemplo, entre tantas outras formas de juntar pessoas ao redor de livros. No entanto, uma biblioteca deve ser também um espaço de busca individual. Além de organizar o espaço de maneira a garantir a autonomia do leitor em fazer suas próprias descobertas, o mediador também pode contribuir no processo mais íntimo de cada leitor, quando este quer algo para ler de maneira mais isolada, discreta, fora do olhar dos demais. Por isso, uma biblioteca deve ser também um local onde o silêncio permita esse distanciamento do mundo agitado, tornando possível o mergulho na leitura como experiência totalmente individual, pois a leitura é também uma forma de: “...escapar do tempo e do lugar em que supostamente se deveria estar; escapar desse lugar predeterminado, dessa vida estática e do controle mútuo que uns exercem sobre os outros”, como afirma Michèle Petit. O mediador de leitura tem funções múltiplas. É um profissional que vai se constituindo como referência inicial para qualificar a relação das crianças, adolescentes, jovens e adultos com a literatura. Sua relação próxima com o universo literário é o terreno a partir do qual ele pode vir a exercer vários papéis nas vidas dos leitores que frequentam a biblioteca. A ação de um mediador de leitura, como afirma Petit, vai muito além de atividades de leitura que tenham um teor puramente objetivo. Na grande maioria das vezes, os educadores mediadores de leitura criam vínculos duradouros com os usuários. Ouvem suas sugestões, ampliam o acervo a partir delas, criam situações que façam o leitor ter vontade de voltar a visitar o espaço, ampliando, assim, o público inicialmente planejado. Além disso, a mediação feita a partir de encontros individuais entre o leitor e o educador pode se transformar em momentos de cumplicidade e de troca afetiva. Ambos podem compartilhar de descobertas, nesse processo que será revelador, impulsionador de novas reflexões, de maneira a transformar a mediação no que Michèle Petit denomina “relação personalizada”. Nesses casos, o mediador é alguém que acolhe, que recolhe as palavras do outro e com ele estabelece um vínculo afetivo, sem deslizar-se para uma mediação do tipo pedagógico. Muitas ações de incentivo à leitura colocam em prática esses princípios que buscam construir novas formas de relação com o livro. São projetos que hoje reeditam a

aprendizagem dialógica proposta por Paulo Freire, para quem “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. São projetos de leitura nos quais a figura do mediador é central não para direcionar um hábito, mas para estar junto, estimular o leitor na muitas vezes árdua trajetória de criar seus próprios sentidos na relação que estabelece com os livros. Esses projetos sociais contribuem concretamente para que a leitura seja uma prática social capaz de ampliar a democracia. São, por exemplo, bibliotecas especialmente desenhadas para receber públicos diversos e que disponibilizam um acervo diversificado para atender interesses distintos, com acessibilidade para pessoas com deficiência, integradas às iniciativas da comunidade na democratização do conhecimento. Para que isso aconteça, governos e sociedade civil vêm investindo no quadro pessoal das bibliotecas, valorizando os profissionais e estimulando-os a ter acesso à formação em mediação de leitura e em outras habilidades necessárias à ressignificação da biblioteca como organismo vivo e dinâmico. Acolher todas essas mudanças não é um processo rápido. Mas proliferam iniciativas públicas e privadas em todo o país, que mostram enorme criatividade no desenvolvimento de práticas de leitura. São pontos de venda de livros em metrô, minibibliotecas em paradas de ônibus, troca-troca de livros em meio a bancas de feirantes, bibliotecas que ganham mobilidade por meio de todo tipo de veículo, além de iniciativas de modernização, dinamização e extensão das atividades das bibliotecas públicas de vários municípios e estados. O que vem se conquistando por meio da ampliação do acesso ao livro e à leitura vai muito além da melhoria de oportunidades para a aquisição do conhecimento. Projetos de leitura têm potencial muito mais profundo pois, como afirma Michèle Petit, criam a possibilidade de construção de um mundo interno, de uma subjetividade vital às pessoas no enfrentamento das mais diversas situações e contextos que compõem o viver em sociedade. O contexto brasileiro tem se mostrado propício à consolidação de conceitos e práticas que podem, efetivamente, contribuir para o fortalecimento de processos de promoção da leitura que incorporam os princípios e procedimentos metodológicos aqui discutidos. Esses processos estão diretamente relacionados à construção de uma sociedade leitora como pressuposto para a democracia. Já possuímos um marco legal e referências concretas para a consolidação do Plano Nacional do Livro e Leitura como política de Estado. Agora é o momento de sedimentar essas bases com a participação de indivíduos e instituições interessados na garantia da leitura e do acesso ao livro como direito de todos. Notícia retirada da Revista Digital Emília. Todas as alterações posteriores são de responsabilidade do autor.